

MONTAGEM, CONCEPÇÃO E ANÁLISE DA EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA “MUSEU GRUPPELLI EM REDE: UMA CONEXÃO ENTRE TEMPOS, ESPAÇOS E MEMÓRIAS”

CHAYANE LISE FERNANDES DE SOUZA¹; LUÍSA LACERDA MACIEL
²; DIEGO LEMOS RIBEIRO³

¹*Universidade Federal de Pelotas – chayanefernandes.cf@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – luisamaciel@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – dlr museologo@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

O Museu Gruppelli, objeto desta comunicação, localiza-se no 7º distrito da cidade de Pelotas, onde foi inaugurado em 30 de outubro de 1998 por iniciativa da comunidade local. O Museu possui acervo que foi reunido pela família Gruppelli (que dá nome ao Museu) e por moradores da região. A partir de 2008, o curso de museologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), através de projeto de extensão, passou a colaborar com o Museu, no sentido de provê-lo caráter técnico-científico, mas, sobretudo, de ampliar seu potencial comunicativo, por intermédio de exposições e ações educativas. Acreditamos que é pelo viés da comunicação que o museu sustenta sua relevância social, sem a qual, os bens patrimoniais se engessam em significado e valor documental.

A partir do tema “Museus Hiperconectados: novas abordagens, novos públicos” da 16^a Semana de Museus de 2018, foi criada a exposição temporária “Museu Gruppelli em rede: uma conexão entre tempos, espaços e memórias”, cujo o objetivo era levar os diferentes tempos da região para dentro do museu e não pensar no mesmo como um local isolado do restante, mas sim, parte de seu contexto, criando uma conexão a partir da paisagem da Colônia Municipal através de fotografias, algumas materialidades do acervo e a própria casa que sedia o museu, onde se colocada numa linha temporária, vemos suas diferentes funções que também compõem o discurso do museu. Para INGOLD (2012, p.39), “Capturado nesses múltiplos emaranhados, cada monumento ou prédio é mais “arqui-textural” que arquitetônico.”. Cabe ressaltar que a casa em questão, já foi sede de uma barbearia, uma vinícola e uma pousada, tornando-a parte importante deste emaranhado, tornando-a um lugar de referência, um lugar de memória.

Sendo assim, considera-se que lugares de memória, conforme afirma NORA (1993, p. 21) “são lugares, com efeito, nos três sentidos da palavra, material, simbólico, funcional (...). Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se sua imaginação o investe de uma aura simbólica”.

2. METODOLOGIA

Para compor esta exposição foi realizada pesquisa no acervo material e digital do museu, a partir da qual escolheu-se trabalhar com as fotografias do museu de diferentes épocas. Além disso, foram feitas algumas fotografias atuais da localidade, no intuito de suscitar uma comparação entre as mudanças que ocorreram com o passar do tempo na paisagem da região. A partir destas fotografias, buscou-se estabelecer afinidades com os objetos que compõem o acervo do museu, com o objetivo de traçar relações entre temporalidades,

histórias, acontecimentos, mudanças... Ao todo, foram impressas 20 fotografias (antigas e atuais), em tamanho A4. Estas foram penduradas em fios que se entrelaçavam, percorrendo parte do acervo do museu, comunicando-se com este. Nesse contexto também foram posicionadas telas pintadas (datadas na década de 1950) pelo Sr. Peri de Sousa, antigo veranista da localidade, que retratam cenas cotidianas da casa Gruppelli e arredores.

Ainda nessa proposta de conectividade, optou-se por projetar fotos realizadas pelos visitantes do museu, em sua interação com o acervo exposto e com o ambiente que o envolve. A proposta aqui é de que os visitantes do museu visualizem que também fazem parte dessa “malha” que conecta o espaço, o público, a história do local, os objetos, fotografias e obras de artes que testemunham o passado.

Nesse sentido, corrobora-se com a proposta da Declaração de Quebec (2008), reconhecendo que

“(...) o espírito do lugar é essencialmente transmitido por pessoas e que a transmissão é parte importante de sua conservação, declaramos que é por meio de comunicação interativa e participação das comunidades envolvidas que o espírito do lugar é preservado e realçado da melhor forma possível. A comunicação é, de fato, a melhor ferramenta para manter vivo o espírito do lugar.” - Declaração de Quebec, 2008.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

INGOLD (2012) diz que não ocupamos um mundo com objetos fechados em suas formas finais, mas sim um ambiente sem objetos (ASO), entendendo que habitamos o mundo, nos juntando ao processo de formação, conectados a entidades que estão ligadas aos fios da vida, em suas palavras, as *coisas*¹. Inspirado em Heidegger e Deleuze, o referido autor propõe a alternativa de “malha” para pensar a cultura material e as relações de comunicação, integração e fluxo de coisas.

Nesse sentido, entendemos que o museu, enquanto espaço de memória da região, se insere nessa “vida da colônia” (FERREIRA et al, 2014, p. 58) como uma grande malha invisível de conexões, ou seja, buscamos estimular, com essa exposição, à reflexão proposta por INGOLD (2012, p. 39, 40): “É nesses fluxos e contrafluxos, serpenteando através ou entre, sem começo nem fim – e não enquanto entidades conectadas com limites interiores ou exteriores – que as coisas são evidenciadas no mundo do ASO.”

Nesta rede, encontram-se as diferentes temporalidades a partir de materialidades ou acontecimentos como, por exemplo, a enchente acontecida em 2016 na região e que levou parte do acervo museu, e uma enchente ocorrida em 1930 nas mesmas proporções, que se entrelaçam nestes fios de memória.

O imóvel que abriga o Museu se apresenta como um “palimpsesto de diferentes ocupações”, de acordo com a análise das narrativas feitas pelos moradores locais, realizada por FERREIRA et al. (2013). Já foi moradia para professores, na década de 1940; adega da família Gruppelli; albergue para comerciantes; local de veraneio e lazer de famílias pelotenses. De acordo com os

¹ “(...) a coisa tem o caráter não de uma entidade fechada para o exterior, que se situa no e contra o mundo, mas de um nó cujos fios constituintes, longe de estarem nele contidos, deixam rastros e são capturados por outros fios noutros nós. Numa palavra, as coisas vazam, sempre transbordando das superfícies que se formam temporariamente em torno delas.”(INGOLD, 2012, p. 29)

autores, “o presente da musealização se vincula com as várias camadas de tempo” (idem, p. 63).

Nessa proposta expográfica, foi utilizado um fio (verde, de lã), contínuo, que tinha início no painel onde são projetadas as fotos dos visitantes, seguindo pelos quadros pintados pelo Sr. Peri de Sousa, acompanhados das fotos atuais do mesmo cenário da pintura. O fio segue para as fotos do Grêmio Esportivo Boa Esperança, onde estão duas fotos do time de futebol (datadas de 1930 e 2017), acompanhados de uma taça datada de 1930 juntamente com a bandeira do time. Passando este nicho da exposição, o fio vai para outra exposição temporária: “A vida efêmera dos objetos: um olhar pós-enchente”. Nesse contexto, foram adicionadas duas fotografias, uma do Arroio Quilombo, causador da enchente e outra da enchente de 1930 que teve as mesmas proporções da que motivou a exposição citada. O fio atravessa o museu e vai até o nicho do Armazém, que compõe a exposição permanente do museu, neste nicho foram colocadas três fotos de diferentes épocas do armazém da Casa Gruppelli, ainda existente no local, as fotografias são datadas de 1987, 1998 e 2018.

4. CONCLUSÕES

Conforme dito anteriormente, partiu-se da proposta da 16^a Semana de Museus, que em seu texto-referência afirma que “é impossível compreender o papel dos museus sem considerar as possíveis conexões entre essas instituições e seus públicos, sejam elas intermediadas pelos sujeitos e pelas políticas museais, sejam pelas tecnologias.” (IBRAM, 2018). Nesse sentido, o que se almeja com essa exposição, que continua em andamento e sendo alimentada por novas fotografias digitais, é a ampliação das percepções do público com relação a esse emaranhado de fios que tecem a história, a memória e materialidade do museu e seu entorno.

A exposição continua em andamento e sendo alimentada por novas fotografias digitais, em especial dos visitantes interagindo com a paisagem, o museu e seu acervo, proporcionando novas formas de ver a região através da noção de “coisa” proposta por INGOLD (2012, p. 25), “porosa e fluida, perpassada por fluxos vitais, integrada aos ciclos e dinâmicas da vida e do meio ambiente”.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- IBRAM. 16ª Semana de Museus: **Museus Hiperconectados: novas abordagens, novos públicos**. Texto de Referência, 2018. Acessado em 4 set 2018. Online. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/01/16SemanaMuseus_TextoReferencia.pdf.
- ICOMOS. **Declaração de Quebec**, 2008. Acessado em 4 set 2018. Online. Disponível em: https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/GA16_Quebec_Declaration_Final_PT.pdf.
- INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 24-44, jan./jun., 2012.
- FERREIRA, M. L.; GASTAUD, C.; RIBEIRO, D. L.. Memória e emoção patrimonial: Objetos e vozes num museu rural. **Museologia e Patrimônio**, v. 6, p. 57-74, 2013.
- NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, (Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História/Departamento de História, PUCSP), 1993.